

**JURANDIR PICAÑO, UM MILITANTE DA PSIQUIATRIA EM FORTALEZA:
ANÁLISE DO ARTIGO SÍNDROME DE COTARD (1933)**

Simone Teixeira Bernardo

Graduada em Filosofia e graduanda em História pela Universidade Estadual do Ceará

simonetbernardo@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo analisar o discurso do dr. Jurandir Picanço através dos seus artigos voltados para a saúde mental publicados na revista *Ceará Médico*. O objetivo principal é discutir como o discurso do dr. Jurandir Picanço expressa o seu protagonismo na difusão do saber psiquiátrico na cidade de Fortaleza. Partindo da perspectiva foucaultiana, nossa análise do discurso psiquiátrico perpassa obrigatoriamente o processo de consolidação da psiquiatria como ciência. A legitimação de um discurso é permeada de conflitos, e o campo da psiquiatria encontra diversos obstáculos na sua consolidação.

Aqui no Brasil a psiquiatria começa a conquistar espaço no início do século XX, inicialmente na capital, Rio de Janeiro, e depois passa a se difundir por todo o país. Reverberando a consolidação da psiquiatria na cidade do Rio de Janeiro, o saber psiquiátrico vai adentrar o espaço médico cearense a partir da década de 1930, tendo na figura do dr. Jurandir Picanço o seu maior difusor. Inserido no meio favorável a disseminação de seu pensamento acerca dos avanços da psiquiatria, Jurandir Picanço inicia a sua caminhada abrindo espaço cada vez maior para o saber psiquiátrico em Fortaleza. No ano de 1933, quando Picanço publica o seu primeiro artigo de cunho psiquiátrico, Fortaleza tinha apenas uma instituição de assistência para aqueles que sofriam de alienação mental, o Asilo de Alienados São Vicente de Paulo. Na capital do Brasil, o saber psiquiátrico há muito se consolidará e avançava a passos largos. Era no Rio de Janeiro onde se concentravam os mais ilustres nomes da psiquiatria brasileira, à época. Estes, empenhados em propagar a psiquiatria em todo o Brasil, se organizaram em sociedades e ligas divulgando o seu conhecimento e práticas psiquiátricas em

revistas especializadas, alinhando prática e discurso. O artigo do dr. Jurandir Picanço, “*Síndrome de Cotard*” (1933), inaugura a difusão do discurso psiquiátrico em Fortaleza.

O discurso

O discurso tem um poder extremamente incisivo que reverbera em nossas ações de modo tão discreto que por vezes sua influência nem é notada. O discurso tem poder, e quando se atrela ao discurso predicado da verdade ele se fortalece mais ainda.

Para um discurso ser tido como verdadeiro não basta anunciar a verdade, é preciso que esta esteja em harmonia com o discurso verdadeiro. O discurso verdadeiro segue um caminho único e linear, ele se movimenta de cima pra baixo. E para se inserir no círculo do discurso verdadeiro é preciso seguir certos procedimentos condicionantes de sujeição. “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.” (FOUCAULT, 1970, p. 39)

Os procedimentos condicionantes de inserção, na ordem do discurso verdadeiro, propostos por Foucault são quatro: “o ritual”, “as sociedades do discurso”, “os grupos doutrinários” e as “apropriações sociais”.

O objetivo deste texto é analisar o discurso do dr. Jurandir Picanço na perspectiva de apresentá-lo condicionado/ alinhado ao discurso psiquiátrico nacional.

A psiquiatria

Partindo da perspectiva foucaultiana, nossa análise do discurso psiquiátrico perpassa obrigatoriamente o processo de consolidação da psiquiatria como ciência. É característico de toda ciência a delimitação do objeto, e na psiquiatria a loucura é tomada como o seu objeto de estudo. A legitimação de um discurso é permeada de conflitos, e o primeiro conflito que se destaca na consolidação da psiquiatria como ciência é do campo conceitual.

A loucura refere-se a um estado de demência mental na qual o indivíduo afetado, o louco, apresenta comportamentos que prejudicam o seu convívio social. A grosso modo, essa definição de loucura, tão enraizada no imaginário coletivo,

corresponde tanto as primeiras tentativas de conceituação da loucura, observadas no final do século XVIII, quanto a concepção de loucura que norteia a psiquiatria atualmente.

O primeiro esforço de conceituação da loucura como uma doença partiu do médico francês Philippe Pinel (1745-1826). No final do século XVIII, Pinel entendia a loucura ou alienação como uma doença mental intimamente ligada à moral, a alienação era um desvio normatizador. O alienado, no sentido do termo usado por Pinel, é aquele indivíduo que se afastou de sua natureza racional, mas que apresenta possibilidade de cura (reestabelecimento da ordem moral). O meio social é apontado como a causa da alienação, daí o tratamento se dar no isolamento social, nos asilos de alienados. Seguindo os caminhos de Pinel, outro médico francês se destaca nos estudos sobre alienação, Jean-Étienne Esquirol (1772-1840). Assim como Pinel, Esquirol associa a alienação à moral, aquela é classificada a partir dos níveis de desorganização que apresenta: intelectual, emocional ou instintiva. Nesse primeiro momento, a França é o centro de estudos sobre a alienação e suas teorias predominam nesse novo cenário médico que se desenha no final do século XVIII.

Na passagem do século XVIII para o XIX a loucura passa a ser entendida como uma doença física. É nesse momento que se inicia a consolidação do saber psiquiátrico. Classificar a loucura como uma doença física garantiu à psiquiatria respaldar suas teorias no âmbito organicista, inserindo a loucura na rede de patologia geral. Nesse novo cenário as teorias dos médicos alemães Bénédict Augustin Morel (1809-1873) e Emil Kraepelin (1856-1926) destacam-se. A loucura passa a ser entendida sob uma perspectiva tríade: orgânico – psicológico – sociológico. É nesse cenário que se desenvolve a teoria de degeneração de Morel, que consistia em condicionar à hereditariedade o comportamento desviante do louco. (FOUCAULT, 2017)

No contexto brasileiro de institucionalização da loucura observa-se dois momentos importantes que correspondem, respectivamente, aos dois períodos do processo de consolidação da psiquiatria apresentados acima. As primeiras instituições destinadas ao cuidado da loucura no Brasil foram os asilos de alienados, em meados do século XVIII, claramente influenciados pelas teorias alienistas de Pinel (a alienação

relacionada a desrazão, o isolamento social e o trabalho como forma de tratamento)¹. Durante os primeiros anos do século XX inicia-se, no Rio de Janeiro, um movimento de aproximação das teorias psiquiátricas alemãs de Kraepelin, liderado pelo psiquiatra Juliano Moreira, administrador, a partir de 1903, do Hospício Nacional de Alienados (antigo Hospício D. Pedro II). Moreira exercerá grande influência no discurso psiquiátrico brasileiro, em seu período de consolidação.

Ao passo que o discurso médico psiquiátrico foi se consolidando, a figura do psiquiatra nos hospícios brasileiros foi ganhando mais espaço e autonomia. Esse alargamento da atuação social do psiquiatra no Brasil se deu devido a dois fatores: mudanças na legislação federal e a organização dos psiquiatras que desejavam reconhecimento e legitimação do seu ofício. No ano de 1903 foi decretada a lei nº 1.132 que determinava a reorganização da assistência aos alienados no Brasil. De acordo com esta lei as instituições voltadas para o tratamento de saúde mental deveriam seguir algumas regras, destacando-se entre estas a presença de uma especialista em saúde mental:

Art. 13. Todo hospício, asylo ou casa de saude, destinado a enfermos de molestias mentaes, deverá preencher as seguintes condições:

- 1ª – ser por profissional devidamente habilitado e residente no estabelecimento;
- 2ª – instalar-se e funcionar em edificio adequado, situado em logar saudavel, com dependencias que permittam aos enfermos exercicios ao ar livre;
- 3ª – possuir compartimentos especiaes para evitar a promiscuidade de sexos, bem como para a separação e classificação dos doentes, segundo numero destes e a natureza da molestia que soffram;
- 4ª – offerecer garantias de idoneidade, no tocante ao pessoal, para os serviços clínicos e administrativos. (BRASIL, 1903)

No que concerne a organização dos psiquiatras brasileiros, dois momentos são importantes. Em 1907 foi fundada, na cidade do Rio de Janeiro, a *Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal (SBNPML)*, com o intuito de difundir os

¹ A primeira instituição para a alienação mental foi Hospício Dom Pedro II, inaugurado no ano de 1851 na cidade do Rio de Janeiro.

estudos acerca dos alienados. (CERQUEIRA, 2013) No ano de 1923, também no Rio de Janeiro, foi criada a *Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)*, a partir de então observa-se a aproximação entre psiquiatria e a teoria de eugenia. A LBHM exerceu forte influência nos discursos e consequentes práticas dos psiquiatras brasileiros, tendo como principais representantes Juliano Moreira e Alberto Farani. (COSTA, 2007)

A fundação do Asilo de Alienados São Vicente de Paulo (1886) é o marco da institucionalização da loucura no Ceará, e seu estabelecimento estava dentro das normas da assistência alienista, apesar de não haver um médico especialista em saúde mental a frente de sua direção. Freitas, em seu estudo sobre o contexto social e político na cidade de Fortaleza no final do século XIX, apresenta a inserção do discurso alienista na província do Ceará a partir das “*Cartas sobre a loucura*” do dr. Francisco Ribeiro Delfino Montezuma. As cartas de Montezuma foram publicadas no periódico *Gazeta do Norte* no ano de 1882, Freitas defende a tese de que o texto de Montezuma contribuiu para reforçar o projeto de construção do Asilo de Alienados São Vicente de Paulo. (FREITAS, 2012)

Reverberando a consolidação da psiquiatria na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, o saber psiquiátrico vai adentrar o espaço médico cearense a partir da década de 1930, tendo na figura do dr. Jurandir Picanço o seu maior difusor.

Dr. Jurandir Picanço e a psiquiatria brasileira

Quando falamos em psiquiatria no Brasil no início do século XX nos referimos ao discurso e a prática psiquiátrica efetivada no Rio de Janeiro, ponto de difusão da psiquiatria no Brasil, principalmente desenvolvida no Hospício Nacional de Alienados (antigo Hospício D. Pedro II, primeira instituição brasileira voltada para a saúde mental).

Reverberando a consolidação da psiquiatria na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, o saber psiquiátrico vai adentrar o espaço médico cearense a partir da década de 1930, tendo na figura do dr. Jurandir Picanço o seu maior difusor.

Inserido no meio favorável a disseminação de seu pensamento acerca dos avanços da psiquiatria, Jurandir Picanço inicia a sua caminhada abrindo espaço cada vez maior para o saber psiquiátrico em Fortaleza.

Picanço não é o primeiro a publicar sobre o tema de saúde mental na revista *Ceará Médico*, no entanto é o mais assíduo no tema.

Em 1929 foi publicado o primeiro artigo na revista *Ceará Médico* referente à saúde mental de autoria do médico francês Georges Dumas “*A psycho-physiologia do medo*” (GARCIA, 2016). Segue-se nos anos seguintes a publicação frequente de artigos direcionados para a área da psiquiatria, em sua maioria de autoria do dr. Jurandir Picanço, especialista em saúde mental. A presença constante da temática na referida revista aponta para o aumento do espaço que o discurso psiquiátrico ocupava na comunidade médica cearense. Durante os anos de 1933 e 1940 Jurandir Picanço publicou cinco artigos cuja temática central era a saúde mental – dois artigos no ano de 1933, um artigo no ano de 1937, um artigo no ano de 1939 e um artigo no ano de 1940.²

No ano de 1933, quando Picanço publica o seu primeiro artigo de cunho psiquiátrico, Fortaleza tinha apenas uma instituição de assistência para aqueles que sofriam de alienação mental, o Asilo de Alienados São Vicente de Paulo. Na capital do Brasil, o saber psiquiátrico há muito se consolidará e avançava a passos largos. Era no Rio de Janeiro onde se concentravam os mais ilustres nomes da psiquiatria brasileira, à época. Estes, empenhados em propagar a psiquiatria em todo o Brasil, se organizaram em sociedades e ligas divulgando o seu conhecimento e práticas psiquiátricas em revistas especializadas, alinhando prática e discurso.

Picanço não compunha nenhum desses círculos de saber especializado em psiquiatria, no entanto sempre manteve-se atualizado do que era discutido neste meio. Desejando inserir na sociedade médica cearense as ideias inovadoras da psiquiatria, Picanço começa a divulgar o saber psiquiátrico por meio da revista *Ceará Médico*. Discutiremos o primeiro artigo que Jurandir Picanço publicou na revista *Ceará Médico*

² Os textos de Jurandir Picanço publicados na revista *Ceará Médico* não se limitavam ao tema da saúde mental, o médico escrevia sobre diversos temas, sendo a psiquiatria o tema mais recorrente de seus escritos. No recorte temporal de nossa pesquisa foram computados 25 textos de autoria de Jurandir Picanço, dos quais nove foram selecionados para fundamentar a presente pesquisa.

voltado exclusivamente para o saber psiquiátrico. O referido artigo intitula-se “*Síndrome de Cotard*”, publicado no ano de 1933.

Neste artigo Picanço apresenta o debate científico em torno da psicopatologia que causa delírios hipocondríacos, a “*Síndrome de Cotard*”. Aliado à elucidação teórica sobre a psicopatologia, Picanço também apresenta um estudo de caso de uma paciente cearense que apresenta a moléstia.

Dois fatores nos chama a atenção nesse artigo de Picanço, o estudo de caso que nos aponta para a prática psiquiátrica de Picanço e a bibliografia utilizada para fundamentar as teorias expostas. Na bibliografia estão presentes psiquiatras estrangeiros, como Kraëpelin, Cotard³ e Julio de Matos⁴, mas também baseia seu discurso na diretriz teórica de um psiquiatra brasileiro, o dr. Henrique Belford Roxo:

Modernamente o estudo da Psicose de involução compreendendo “uma série de modalidades clinicas que surgem dos 45 aos 60 anos e que têm como feitiço predominante um estado melancolico, em que há perturbações multiplas da anestesia e idéas de miseria” inclui nesse capítulo os casos de síndrome de Cotard, dos doentes no periodo de involução (Roxo – *Psiquiatria* – 1923). (PICANÇO, 1933, p. 1-5)

Roxo foi um psiquiatra brasileiro que teve uma trajetória nacional expressiva, e está entre os protagonistas da consolidação da psiquiatria no Brasil. Apresentou uma trajetória expressiva nacional e internacional. Com a fundação da *Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (SBNPML)*, os seus membros iniciaram um projeto de classificação das psicopatologias que estivesse em consonância com a psiquiatria moderna de Kraëpelin. Entre os médicos encarregados de efetivar o projeto estava o dr. Henrique de Brito Belford Roxo. (FACCHINETTI e VENANCIO, 2006)

A presença de Roxo no artigo de Picanço sinaliza a sintonia que o autor mantinha com o discurso produzido no centro difusor do conhecimento psiquiátrico brasileiro. Baseando-se em uma das obras de Roxo⁵, Picanço tece suas impressões

³ Jules Cotard (1840-1889) neurologista francês.

⁴ Júlio Xavier de Matos (1856-1922) psiquiatra português.

⁵ A obra utilizada provavelmente é o **Manual de Psiquiatria**, que foi escrito entre os anos de 1921 e 1925.

sobre a síndrome, bem como, exhibe suas observações sobre a sua experiência diante de casos psiquiátricos no Ceará.

Seis meses antes, mais ou menos, de se instalar definitivamente a sua psicose, a doente começou a se sentir triste, chorando com facilidade e se queixando de saudade. Passou a demonstrar abatimento e cansaço fácil o que fazia deitar-se durante o dia. (...) Por isso, procurou os consultórios médicos, triste, abatida e lastimosa, peregrinando de um a outro em busca de um alívio. Conheci-a, ainda, nesse tempo (...) Após algum tempo de medicação opoterápica e sedativa fui vê-la, a chamado em sua residência. (...) Já a encontrei francamente em delírio hipocondríaco e, e, alta voz, queixava-se de estar se transformando em ser diferente e anômalo. (PICANÇO, 1933, p. 3)

Na descrição do caso observamos o tratamento que o médico aplicou na paciente, a opoterapia. A opoterapia consistia na “administração de extratos de órgãos como a encefalina, a ovariomastina e o extrato testicular, todos injetáveis, e também de comprimidos da glândula tireoide.”(CERQUEIRA, 2014). Os tratamentos destinados as psicopatias eram desenvolvidos a partir da prática dos psiquiatras no Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro e eram divulgados na revista especializada *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, o periódico da SBNPML.

A opoterapia era o tratamento indicado para os casos de psicopatias que causavam delírios. Segundo o conhecimento psiquiátrico da época, os delírios eram relacionados à disfunção hormonal, daí o tratamento com hormônios

É interessante perceber a maneira como a paciente chegou até ao psiquiatra. Ela, a paciente, havia procurado outros médicos antes de chegar a Picanço, fazendo uma peregrinação sem conseguir um tratamento satisfatório. Os sintomas da psicose estavam postos, no entanto os médicos por ela consultados, por não estarem de posse dos conhecimentos psiquiátricos, não os levavam em consideração.

O encontro com o psiquiatra se dá por indicação de outros médicos, o que é recorrente em outros estudos de caso apresentados por Picanço. Esse fato nos leva a

deduzir que a atuação do psiquiatra em questão vinha ganhando respaldo na sociedade médica cearense.

Conclusão

À guisa de conclusão podemos fazer um paralelo entre a atuação de Jurandir Picanço representado no artigo analisado e o sistema de sujeição do discurso proposto por Foucault. Lembrando que são quatro as fases de tal sistema: o “ritual”, a “sociedade do discurso”, os “grupos doutrinários” e “apropriação do discurso”.

O ritual seria o primeiro sinal de alinhamento com o discurso verdadeiro, nele percebemos o protagonismo do orador, o indivíduo que fala, no movimento de coerção próprio do discurso verdadeiro. A questão do ritual é saber quem ou qual discurso é reprimido. No caso do dr. Jurandir Picanço, ao ser tomado como o difusor do discurso psiquiátrico em Fortaleza, seu papel é de apresentar o saber psiquiátrico como uma superação do saber alienista, ou seja, abrir caminho para a psiquiatria.

Circularidade é a palavra-chave para “as sociedades do discurso” que têm por objetivo manter e produzir os discursos. O discurso psiquiátrico é direcionado para uma sociedade específica, a médica. Os conhecimentos técnicos, as novidades terapêuticas, a nosologia. Tudo com o objetivo de consolidar o saber psiquiátrico na sociedade médica cearense.

Os grupos doutrinários funcionam como o ponto central, o eixo difusor que coordenada a atuação de seus membros. A doutrina se refere tanto ao discurso quanto ao indivíduo que fala. Aqui percebe-se o elo entre o discurso proferido e o indivíduo que o profere. Os “grupos doutrinários” funcionam como uma espécie de legitimador do discurso. Identificamos a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, como o grupo doutrinário em questão.

A “apropriação do discurso” se refere à fase de imposição do discurso verdadeiro à sociedade, é a fase de ampliação do alcance do discurso. Nesse momento o discurso já tá se naturalizando, se consolidando. Quando a figura do psiquiatra Jurandir Picanço se desenha no imaginário da elite médica cearense como a solução para os

“casos de nervos”, seguindo daí o encaminhamento para ele de casos específicos, vislumbramos a influência do seu discurso na sociedade.

Os procedimentos de sujeição se dão em um movimento cíclico, o qual tem por fim a assimilação que a sociedade fará de tal discurso, ou mesmo, na verdade, como a ordem do discurso verdadeiro influencia a sociedade. Nesse sentido, através da análise do discurso do dr. Jurandir Picanço podemos legitimar o seu papel de difusor do discurso psiquiátrico em Fortaleza.

Fontes e Bibliografia

ANTUNES, José Leopoldo F. **Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: UNESP, 1999.

BARBOSA, José Policarpo. **História da Saúde Pública no Ceará – da Colônia a Vargas**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

BIRMAN, Joel. **A psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978.

BRASIL. **Decreto n. 1.132, de 22 dez. 1903**. Reorganiza a Assistência a Alienados. Diário Oficial da União, 24 dez. 1903, seção 1, p. 5.853 (publicação original). Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1132-22-dezembro-1903-585004-publicacaooriginal-107902-pl.html>>. Acesso em: 24 mar. 2019

CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e o seu papel na institucionalização da Psiquiatria (1907-1928). In: anais do **XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Natal – RN, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil – Um corte ideológico**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CUNHA, Maria C. Pereira. Loucura, gênero feminino: as mulheres no Juquery na São Paulo do início do século XX. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, Anpuh. Vol. 9, nº 18, 1989.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2001.

- FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**. São Paulo, Brasiliense, 1972.
- FREITAS, Roberta Kelly Bezerra de. **Entre a pobreza e a loucura: o discurso psiquiátrico, o Asilo de Alienados e as Cartas sobre loucura (1874 a 1886)**. Dissertação de (Mestrado em História) Universidade do Ceará, Fortaleza, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Marins Fontes, 2001.
- _____. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1988.
- _____. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GADELHA, Georgina da Silva. **Sob o signo da distinção: formação e atuação da elite médica cearense (1913-1948)**. Fortaleza: EdUECE, 2017.
- GARCIA, Ana Karine Martins. **A ciência na saúde e na doença: a atuação e prática dos médicos em Fortaleza (1900-1935)**. Tese (Doutorado em História). Pontífca Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HARRIS, Ruth. **Assassinato e loucura: medicina, leis e sociedade no *fin de siècle***. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- HENNA, Elizabete Satie. Loucura como doença: a emergência do conceito na modernidade. In: anais do **XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: Saberes e práticas científicas**. Rio de Janeiro, 2014.
- LIMA, Zilda Maria de Menezes. Serviço de Saúde no Ceará: combate às endemias e reformas (1920-1935). In: **Histórias e Culturas**. Fortaleza, v. 2, n. 4, 2014.
- LUZ, Nádia. **Ruptura na história da psiquiatria no Brasil: o espiritismo e saúde mental (1880-1970)**. Franca/SP: Unifram, 2006.
- MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. **Hospício da Diamantina: a loucura na cidade moderna**. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.
- NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do jornalismo cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC, Secretária de Cultura do Estado do Ceará, Arquivo Público do Ceará, 2006.

OLIVEIRA, William Vaz de. **Assistência a alienados na cidade do Rio de Janeiro (1852-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.

OLIVEIRA, Claudia Freitas de. As ideias científicas do século XIX no discurso do club literário. in. Souza, S. **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

_____. **O asilo de alienados São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará (1871-1920)**. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife, 2011.

PESSOTTI, Isaías. **O século dos manicômios**. São Paulo: Edição 34, 1996.

PICANÇO, Jurandir. Síndrome de Cotard. In. **Revista Ceará Médico**. Ano XII, n. 6, junho de 1933.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

PONTES, Cleto Brasileiro. **Hospital psiquiátrico seis séculos de história**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

PORTER, Roy. **Uma história social da loucura**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.

PORTOCARRERO, Vera. **Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Saúde Mental no Brasil**. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1999.

SALES, Tibério Campos. **Medicina, associativismo e repressão: O Centro Médico Cearense e a formação do campo profissional em Fortaleza (1928-1938)**. Dissertação (mestrado). UFC 2010.

SANTOS, Nádia Weber. **História de vidas ausentes: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental**. Passo Fundo: UPF, 2005

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Cia das Letra, 1993.

STUDART, Barão de. **Dicionário bibliográfico cearense**.

SZASZ, Thomas. **Ideologia e doença mental: ensaios sobre a desumanização psiquiátrica do homem**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1970.